



DELÍRIOS ESTÉTICOS: a imagem do Grupo Pirei na Cenna

**CHRISTIANO CESAR MATTOS DIAS
(CACHALOTE MATTOS)**

Graduado em Cenografia pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Integrante do Grupo de Estudo em Teatro do Oprimido (GESTO).

RESUMO

O presente artigo é um relato de experiências e uma análise do processo de construção artístico/estético da Imagem do grupo de *Teatro do Oprimido Pirei na Cenna*, partindo das práxis realizadas com o resistente grupo ao longo de seus 21 anos de vida, abrindo as fissuras existentes nos muros que prendem os usuários de saúde mental e impende à expansão de narrativas próprias pelos espaços sociais pôs muros. Utilizando a metodologia da Estética do Oprimido de Augusto Boal como fio provocador e condutor desse processo de criação de imagem coletiva revolucionária.

PALAVRAS-CHAVE:

Imagem

Saúde mental.

Oprimido.

ABSTRACT

This article is an account of experiences and an analysis of the process of artistic / aesthetic construction of the Image of the group of Theater of the Oppressed Pirei in Cenna, starting from the Praxis held with the resistant group throughout its 21 years of life, opening the fissures existing in the walls that trap the users of mental health and it impends to the expansion of own narratives by the social spaces put walls. Using the methodology of the Aesthetics of the Oppressed of Augusto Boal as a provocateur and driver of this process of creation of revolutionary collective image.

KEYWORDS:

Image.

Mental Health.

Oppressed.



INTRODUÇÃO



“Se ator pode ficar maluco; o maluco pode virar ator”.

Início com essa frase de Augusto Boal impressa na Revista do CTO - Centro de Teatro do Oprimido, de nome, Metaxis, de número 7 do ano de 2010, uma edição específica sobre o projeto Teatro do Oprimido e Saúde Mental, fruto de capacitações que aconteceram em vários estados do Brasil. O grupo *Pirei na Cenna* aparece em destaque de capa, contracapa e com narrativas de texto de seus integrantes com o título da matéria: “Pirei na Cenna - Transformando o Cenário da Loucura”. Amplio a discussão parafraseando Boal, “Todas as pessoas podem fazer teatro até mesmo os atores” e provooco pensando que a Estética do Oprimido ampliou esse pensamento para: todo mundo pode fazer arte e experimentar os canais sensíveis e estéticos da palavra, imagem e do som.

Arte não é adorno, palavra não é absoluta, som não é ruído, e as imagens falam, convencem e dominam. A estes três Poderes Palavra, Som e Imagem - não podemos renunciar, sob pena de renunciarmos à nossa condição humana.
(BOAL, 2009 p.22)

A elite dominante tenta reduzir essa condição humana nos convencendo a renunciar as experimentações desses caminhos estéticos. Os oprimidos são desencorajados a todo o momento de diversas formas sensíveis a desenvolver esses canais de comunicação estética, evitando assim que assumam o protagonismo de suas narrativas no campo da música, do teatro, das artes plásticas, audiovisual (cinema e televisão) e assim da própria vida, tornando-se simples consumidores ideológicos sem poder crítico de luta contra essas imagens que ordenam, convencem e dominam.

O INÍCIO DO DELÍRIO

O grupo nasceu a partir da iniciativa da Cláudia Simone dos Santos, Psicopedagoga, atriz, Curinga do CTO e hoje coordenadora artística da instituição Franco-Brasileira Pás a Passo de Teatro do Oprimido. Cláudia Simone em 1997 iniciou



uma oficina no Hospital psiquiátrico de Jurujuba na cidade de Niterói no Rio de Janeiro denominada *Pirei na Cenna*, utilizando a metodologia do Teatro do Oprimido como arma de trabalho. O artigo escrito por ela para revista Metaxis de número 1, 2001, confirma tal feito.

Foi no Teatro do Oprimido, definido como “O Teatro das classes oprimidas e de todos os oprimidos” que encontrei um forte aliado para inserção da linguagem cênica no universo da Loucura na tentativa de reverter ou minimizar o processo de exclusão dos usuários de Saúde Mental. (SIMONE in Metaxis, 2001 p.28)

A sociedade brasileira coloca à margem tudo que não é espelho, criando celas, muros e formas de tratamentos agressivos agravando ainda mais a situação dos usuários de Saúde Mental. “Os hospitais psiquiátricos ainda são vistos como depósito de pessoas não adaptadas à sociedade, casa de abandono, reclusão e violência” afirma Claudia Simone no mesmo artigo.

Em outro artigo falando sobre o Grupo Pirei na Cenna, as pesquisadoras Doutora Cíntia Sanmartin Fernandes e a Mestre Patrícia da Glória do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UERJ e pesquisadora do grupo de pesquisa Comunicação, Arte e Cidade (CAC). Comungam do mesmo pensamento.

Dessa forma, tachados como incapazes e produtores apenas de sandices, os ‘loucos’ tiveram suas identidades resumidas ao diagnóstico e passaram a ter suas histórias contadas e recontadas pelos outros. Histórias estas que acabaram por fazer parte da herança cultural da sociedade brasileira e mundial.

O que, talvez, a certeza da ciência não pôde prever ou que, seguramente, não conseguiu conter, foi a existência de rachaduras nos muros dos hospícios, aberturas nos diagnósticos e potencialidades que a doença não extinguiu. E não são poucos os exemplos que podem confirmar isso: Lima Barreto, John Nash, Bispo do Rosário e Vaslav Nijinsk. Cada um, com suas particularidades, escreveu sua própria história e contribuiu para provocar profundos arranhões no estigma da loucura.¹

¹ Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/lo-gos/article/download/14154/10726>>. Acesso em: 20/09/2018 .



As pesquisadoras observam que nesse muro físico ou imaginário, nessas barreiras que cercam os usuários de saúde mental existem fissuras e nessas fissuras a estética cênica do Pirei na Cenna consegue atravessar e estabelecer um diálogo, onde o protagonismo do grupo é dono da sua própria narrativa e conta sua própria história através dos canais estéticos da palavra, da imagem e do som nos seus espetáculos.

Se Lima Barreto, Arthur Bispo do Rosário, Vaslav Nijinsk, Jhon Nash, entre outros artistas causaram arranhões no estigma da loucura como sugere as pesquisadoras, então qual seria a contribuição do Pirei na Cenna? Talvez a forma de trabalho coletivo de paridade com diferentes pessoas solidárias à causa da sociedade.

Formado por usuários dos serviços de saúde mental, familiares, profissionais da saúde e integrantes do Centro de Teatro do Oprimido (CTO), traz para cena essa autenticidade da expressão. A configuração por si já provocava uma transformação na imagem que a sociedade tem da loucura, revelando de imediato que a situação como a loucura é tratada em nossa sociedade é sem dúvida uma questão de todos, assim como o racismo não é só uma questão só dos negros e o machismo uma questão somente das mulheres. Utilizar o Teatro Fórum como ferramenta de comunicação e mediação com a sociedade para escancarar brechas, fissuras e, se possível, quebrar esse muro opressor.

COMEÇO DO PROCESSO COM PIREI NA CENNA

Entrei em contato com CTO Rio - Centro de Teatro do Oprimido do Rio de Janeiro em 1997 quando o grupo de Capoeira Angola denominado Filhos de Angola Brasil, coordenado pelo mestre Camaleão, transfere suas atividades de treino para recém-inaugurada Fábrica de Teatro popular no bairro da Lapa no Rio de Janeiro, localizado no





endereço da Av. Mem de Sá, 31. Através da capoeira angola, conheci o Teatro do Oprimido e por meio do projeto *Mãos às Artes*, um curso de capacitação oferecido para jovens nas áreas técnicas de artes cênicas (Iluminação, Figurino e Cenografia.) me descobri Cenógrafo, mas com o grupo Pirei na Cenna me consolidei nessa caminhada.

Coincidentemente comecei no CTO-Rio no mesmo ano em que Claudia Simone inicia sua pesquisa do Pirei na Cenna (um grupo independente que utilizava a metodologia do TO, 1997). Foi justamente em um laboratório de Arco-Íris do Desejo - Método Boal de Teatro e Terapia, em 1998, na antiga sede do CTO, na Avenida Rio Branco no 6º andar, em cima do Teatro Glauce Rocha, que conheci o trabalho da diretora e do grupo, nesse momento eu já era o responsável pela cenografia dos grupos populares do Centro de Teatro do Oprimido. Neste Laboratório de Arco-Íris do Desejo ela me revelou que um dia gostaria de trabalhar comigo, auxiliando o processo de criação de imagem do grupo Pirei na Cenna. Cláudia explicou que o grupo dependia de condições mínimas de patrocínio para me chamar, falou que isso poderia demorar, mas que um dia iria acontecer. Nunca tinha trabalhado com os ditos “malucos” fiquei muito feliz pelo convite e muito assustado pelo desafio. Todos os pré-conceitos introjetados em minha mente vinham à tona nessa hora. Lembrei-me da frase do Boal em outro contexto, mas que servia muito bem para o sentimento que me tomava, “Não vamos jamais pedir que façam uma coisa que obviamente não podem fazer, mas não vamos, por outro lado, pressupor que são incapazes sem antes termos experimentado” (BOAL, 2009, p.236).

Em 2000 iniciamos a parceria, com o espetáculo “Um Amor Muito Louco”. Fui ao Jurujuba assistir o ensaio com uma sensação de medo e excitação. Ao final Cláudia perguntou “E aí o que você achou?”. Eu, paralisado, sem fala, por ver em cena uma qualidade cênica que deixaria qualquer indivíduo “normal” de boca aberta. Eu assisti a um espetáculo impecável do Pirei na Cenna como expressão artística, em que a autenticidade do grupo era o centro da encenação. Entretanto, poderiam avançar na parte de imagem da cena. Classifico como imagem da cena o todo que é visto pelo espectador. A relação do espaço físico com o espaço criado para a encenação, a relação do corpo com o espaço, a harmonia do figurino com a cenografia e até os vazios deixados em cena são lidos, seja ele vazio espacial, rítmico ou sonoro.

O processo de trabalho foi colaborativo com participação integral de todo o grupo em todas as etapas da criação. Eu, no cenário, e Zitto Bedat, orientando o figurino, fizemos o jogo da “Imagem





CAD.
GIPE
CIT
Salvador
ano 22
n 40
p 167-182
2018.1

da Palavra” para entender metáforas sobre o ambiente hospitalar psiquiátrico em cruzamento com a temática do espetáculo que tinha uma pergunta central. O usuário de Saúde mental pode namorar? Pode ter um relacionamento sexual? Decidimos em conjunto o caminho estético a ser traçado. Criamos um cenário mutante com dois lados, quatro biombos de 2x2 metros, onde um lado era a metáfora do hospital psiquiátrico visualizado por eles, paredes brancas com aparência de almofadas com símbolos de representação feminina e masculina se relacionando, mas também uma grade. Do outro lado, quando virava os biombos, uma imagem cheia de detalhes visuais, um sonho em cima de uma viagem de repressão sexual por parte dos médicos, dogma de religião e de familiares. Nas imagens em alto relevo apareciam diversos pênis alados de diversas cores e tamanhos voando entre nuvens douradas, repetições de caixas de remédio em outra parte e imagem de rostos transfigurados, representando o surto dos personagens em outra; e repetição de anjos e imagens religiosas, evidenciando a culpa pelos impulsos sexuais naturais. E finalmente as grades ajudavam a evidenciar a relação entre o presídio e o hospital psiquiátrico é entender a relação dessas duas instituições com a sociedade que as produz.



1
7
3



FOTOGRAFIA 1
Arquivo do grupo Pirei na Cenna.



FOTOGRAFIA 2
Arquivo do grupo Pirei na Cenna.



As referências de plástica que influenciaram a criação dessas imagens foram as obras dos artistas Athur Bispo do Rosário, pela exaustiva repetição de elementos e objetos em seus quadros, esculturas e instalações e os trabalhos de Jean-Michel Basquiat, pela flexibilidade e liberdade de representar o ser humano em suas obras. Ambos os artistas em algum momento de suas vidas foram considerados incapazes de viver em sociedade por não se enquadrarem ao padrão social.

Os grupos de Teatro do Oprimido têm uma especificidade de apresentar seus espetáculos em espaços diversificados, variando entre a própria rua, quadras de esporte e até mesmo o palco Italiano do teatro convencional. Devido a essa característica, a cenografia/imagem da cena precisa ser de adaptação fácil ao espaço físico, ela é criada prevendo a possibilidade de adaptação. Em geral sempre que possível optamos por uma semiarena, criando um fundo e um chão que serve de anteparo para fixar o olhar do espectador na cena. Uma estratégia pensada para que a atenção do espectador não se dilua com facilidade em meios de tantos outros elementos que a rua e os espaços não convencionais oferecem.

O figurino seguiu a ideia de sobre posição de elementos e desconstrução da forma. Assim como Bispo do Rosário, Zitto Bedat junto com o grupo optou pelo caminho de aplicar pequenos objetos e elementos no figurino com intuito de desconfigurar a forma original da roupa, dando a ideia que aqueles personagens estavam ali por muito e muito tempo. Para cada personagem foi construído um elemento de cabeça que revelava ao público características específicas da personalidade dos personagens em cena, seguindo a mesma linha da repetição de objetos do figurino. Para exemplificar o personagem “Seu Explosivo”, tinha um capacete com várias bombas pendurada. Outra personagem, uma repetição de bicos de mamadeiras.

O segundo espetáculo que construímos em parceria foi “É Melhor Prevenir do que Remédio Dar” em 2003. Outro trabalho com uma estética potente. Além dos artistas acima citados, pegamos como base de pesquisa e referência estética: o movimento Surrealista, o Museu do Inconsciente criado pela iniciativa da doutora Nise da Silveira e seus pacientes; e o trabalho do psicanalista Carl Jung sobre a interpretação dos sonhos e seus símbolos. Cada um desses expoentes supracitados demandaria infinitas teses de doutorados para analisar, descrever ou debater sobre seus trabalhos, mas não é a pretensão desse documento que foca no processo de trabalho de criação de imagem do grupo Pirei na Cenna.





CAD.
GIPE
CIT
Salvador
ano 22
n 40
p 167-182
2018.1

No chão, repetição de espumas de lavar louças, circundadas por um mar de sacos plásticos, sugerindo uma ideia de consciente e inconsciente, ao fundo desconstrução de araras de roupas servindo como base para criar os ambientes das cenas, entre uma arara e outra a ideia de um Cristo desconstruído, criado com um balde de roupa, uma camisa branca e tecido vermelho. Na conversa com o grupo, percebemos que a repressão religiosa contribui para destruição da saúde mental. Em outra parte, um vermelho esticado sugerindo uma grande vulva que por várias vezes um personagem entrava por dentro e dava vida, transformando-a em personagem.



1
7
5



FOTOGRAFIA 3
Andréa Mendes.



FOTOGRAFIA 4
Andréa Mendes.



A composição dos personagens deste espetáculo seguiu de forma colaborativa em um processo de troca constante com o grupo, tanto na parte de concepção intelectual quanto na parte de confecção. A ideia era criar uma mistura do uniforme hospitalar com a camisa de força, com possibilidade de amarrações. O personagem central da trama denominado de “Da Lua” tinha em seu macacão um pedaço de tecido tubular costurado na região da cintura para frente e para trás, no tamanho de aproximadamente de um metro para cada lado. Durante a encenação, essas duas sobras de tecido de malha contribuíam para brilhantes partituras cênicas, simulando cenas de sexualidade e de aprisionamento hospitalar.



Para criar a cena do hospital, com intuito de mostrar a decadência desta instituição, um grande pedaço de malha em farrapos era esticado entre as araras. Os objetos de cena eram hiperdimensionados, como a injeção que aparece na foto 5. Isso se deu depois de uma conversa com os integrantes que reclamavam da quantidade de remédios que tinham que tomar e principalmente das injeções. Como adereços usavam máscaras neutras, sem rosto, construída de tela de arame que, quando abaixada, cobria os rostos dos personagens e viravam vozes alucinógenas.

O Pirei na Cenna e sua estética ultrapassou os muros e as grades do hospital de Jurujuba, as imagens do grupo foram eternizadas pelas lentes da fotografa Andréa Mendes, que levou o seu trabalho para uma galeria de arte em Lisboa Portugal.

Montagem e testes de iluminação da primeira exposição da série Retratos de uma luta / Galeria Abraço - Lisboa - Portugal / 2011. Fotos de Andrea Mendes dos ensaios do Grupo de Teatro do Oprimido Pirei na Cenna. Fotos realizadas no Teatro do Hospital Psiquiátrico Jurujuba em Niterói - Peça: É melhor prevenir que remédio dar - Prevenção a AIDS em hospitais psiquiátricos - 2006 / 2007.²

FOTOGRAFIA 5
Andréa Mendes.

² Disponível em:
<<https://www.webstagram.one/tag/galeriaabraco>>. Acesso em: 18/09/2018.



CAD.
GIPE
CIT
Salvador
ano 22
n 40
p 167-182
2018.1



FOTOGRAFIA 6

Ator Enéas.

FOTOGRAFIA 7

Ator Anderson.

Fotos: Andréa
Mendes.



1
7
8



FOTOGRAFIAS 8 E 9
Andréa Mendes.



O grupo também ultrapassou não só os muros do hospital psiquiátrico como também as fronteiras do país para participar do I Festival de Expressões Artísticas Antimanicomiais na cidade de Rosário, na Argentina. Em sua primeira temporada internacional, o Pirei na Cenna fez ainda apresentações em Buenos Aires, naquele mesmo período. O grupo já se apresentou em diferentes contextos sociais pelo Brasil afora como praças, hospitais psiquiátricos, CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), escolas, igrejas e até shopping centers (em 2005 o Grupo fez uma apresentação no São Gonçalo Shopping em evento sobre sexualidade). Palco consagrado e festival também estão no currículo do Pirei na Cenna. Entre os festivais estão a Mostra Latino Americana de Teatro de Grupo em São Paulo no ano de 2006, Mostra Arte Sem Barreiras no CCBB do Rio (2005), Mostra Teatralidade do Humano, Oi Futuro Flamengo, (2006), Festival de Teatro de Pontos de Cultura (Floriano/PI 2009), Mostra de Teatro do Oprimido de Londrina/PR (2008). Recentemente o grupo participou do 6º Festival Niterói em Cena (2013), na abertura do evento em homenagem a Augusto Boal e ao Centro de Teatro do Oprimido, no Teatro Popular de Niterói.

FOTOGRAFIA 10 Arquivo do grupo. Augusto Boal em visita ao Grupo Pirei na Cenna em 2004.





Descrevi o processo de trabalho de apenas dois espetáculos do grupo, mas o repertório do Pirei na Cenna possui sete espetáculos: HIVida (1997), Ser ou não ser positivo (1998), Um Amor Muito Louco (2000), Os Contrários – de perto ninguém é normal (2002), É Melhor Prevenir que Remédio Dar (2003), Saúde Mental Positiva (2005) e, o mais recente, Doidinho para trabalhar (2007/2008) que segue em temporada popular.



CONCLUSÃO

O Pirei na Cenna continua ensaiando a Revolução, entendendo que “Resistir é Preciso”. Manteve-se vivo, ganhou o Brasil e o mundo espalhando sua arte. Muitas e muitos fizeram parte desta história e passaram pelo grupo, para citar alguns: Enéas, Lúcia, Anderson, Vânia, Sergio, Cláudia, Boal, Cachalote, Zitto, Eloana. Mais de 50 pessoas já passaram pelo Grupo. Três dessas faleceram (Socorro, Vânia e Enéas). Claudia Simone hoje trabalha com Teatro do Oprimido na França. Atualmente, Eloana é a Curinga do grupo, Alessandro Conceição foi também curinga. Ele começou em 2011 como contrarregra. Sua função era carregar cenário e guardar os materiais de cena. Depois virou sonoplasta, ator e começou a estudar mais o Teatro do Oprimido. Com a saída de Cláudio para a França, passou a coordenar as atividades do Pirei na Cenna. Alessandro atualmente é ator, se formou em Comunicação Social e, desde 2006, aceitou um convite para fazer parte da equipe de Curingas do Centro de Teatro do Oprimido (CTO), onde trabalhou diretamente com o mestre Augusto Boal. Nesse período já trabalhou com Teatro do Oprimido no Senegal, Argentina e Guatemala e hoje é um dos coordenadores geral do CTO - Rio.

Segundo informações contidas em material de divulgação do próprio grupo, “A proposta vem sendo a de descobrir caminhos para estimular o exercício da Cidadania por parte dos usuários de Saúde Mental, pautada na máxima de igualdade e permissão do exercício das diferenças.” Pauso esse texto parafraseando uma frase/receita da doutora Nise da Silveira “Não se curem além da conta. Gente curada demais é gente chata. Todo mundo tem um pouco de loucura. Felizmente, eu nunca convivi com pessoas muito ajuizadas”. Pauso e não finalizo porque “Resistir é preciso! E a luta continua!”.



CAD.
GIPE
CIT

Salvador
ano 22
n 40
p 167-182
2018.1

REFERÊNCIAS



1
8
2

- » BOAL, Augusto. **A Estética do Oprimido**, Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- » _____. **Jogos Para Atores e Não Atores**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.
- » _____. **O Arco-Íris do Desejo: Método Boal de Teatro e Terapia**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2012.
- » CONCEIÇÃO, Flávio da. **A Estética de Boal - Odisseia pelos sentidos**. Rio de Janeiro: Mundo Contemporâneo, 2018
- » LIGIÈRO, **Augusto Boal: Arte, Pedagogia e Política**, Organização Zeca Ligiéro, Licko Turle, Clara de Andrade. Rio de Janeiro: Mauad x. 2013
- » METAXIS. Informativo do Centro de Teatro do Oprimido, CTO Rio Teatro do Oprimido na Saúde Mental: Rio de Janeiro, 2007
- » SANTOS, Bárbara. **Teatro do Oprimido Raízes e Asas - Uma Teoria da Práxis**. Rio de Janeiro: Íbis Libris, editora 2016.